

Nominalização e transitividade

(Nominalization and transitivity)

Letícia Marcondes Rezende

Departamento de Didática, Faculdade de Ciências e Letras (UNESP)

leticia@fclar.unesp.br

Abstract: This text is part of a larger study that initially aimed at focusing the relation between nominalization and transitivity in the Portuguese Language. Based on A. Culioli's Theory of the Enunciative Operations, we started from a static and descriptive analysis of language, in which nominalization and transitivity have visibility, towards a study that takes into consideration the articulation between language and natural languages. This second approach diluted the specificity of these two grammatical questions and directed them to more abstract spaces of reflection and common to any grammatical problem, such as causality, differential propriety and the construction of notional domains.

Keywords: causality; differential propriety; construction of notional domains; transitivity; nominalization.

Resumo: Este texto apresenta um recorte de um estudo mais amplo que teve como preocupação inicial a relação entre nominalização e transitividade em língua portuguesa. Tendo como suporte teórico a Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli, caminhamos de uma análise estática e descritiva de língua na qual essas questões têm visibilidade para um estudo que levasse em consideração a articulação entre linguagem e línguas naturais. Esse segundo enfoque diluiu a especificidade dessas duas questões gramaticais e as direcionou para espaços de reflexão mais abstratos e comuns a qualquer problema gramatical tais como causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais.

Palavras-chave: Causalidade; propriedade diferencial; construção de domínios nocionais; transitividade; nominalização.

Introdução

Iniciamos o texto com um esquema abstrato de relação entre noções¹ conhecido como léxis² e definimos a causalidade ou transitividade como um circuito de forças que perpassa tal esquema gerando transformações e oferecendo resultado. Em consequência, falamos em propriedade transitiva da léxis, reversibilidade, passiva e negação. Finalizamos com uma questão central: o diálogo que existe entre cada situação discursiva específica (instável) e a relação predicativa ou lógica (estável). O enunciado apresenta um terceiro plano, como resultado desse diálogo, que redefine o domínio nocional provisoriamente dado pelos interlocutores. Oferecemos vários exemplos nos quais explicações causais estão fazendo o papel de redefinição nocional. Geralmente as explicações causais (advérbio, oração subordinada, e no caso do presente texto, a nominalização) são elementos topicalizados ou tematizados.

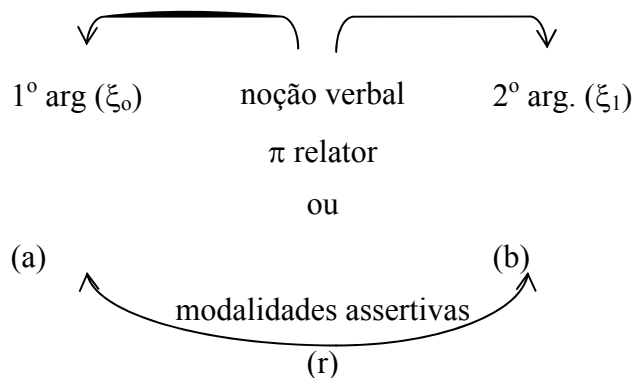
¹ Para a compreensão dos conceitos de **noção** e de **léxis** presentes neste texto ver Culioli (1990, p. 47-65, 78, 79 e 204); (1999a, p. 24, 34, 100, 130); (1999b, p. 17-33). Para uma comparação do conceito de léxis com outras teorias ver Desclés (1995).

² Não traduzimos o termo **lexis** do francês mas o adaptamos ao Português, acentuando-o.

A léxis: ponto zero da asserção (discurso), da orientação (semântica) e da ordenação (sintaxe)

A asserção tem um papel fundamental, enquanto operação e marca vivas do sujeito enunciador, sujeito que fala, que relaciona, por meio de uma analogia com o seu mundo experiencial, as duas partes fundamentais de um enunciado: a argumental ou designativa e a predicativa ou proposicional. Na língua portuguesa, as formas verbais finitas ou pessoais trazem a marca, por excelência, da asserção, além de constituírem, enquanto noções semânticas que são, parte do predicado ou do segundo argumento (ξ_1) primeiramente. Mas, a partir da propriedade transitiva da léxis, tais noções podem também fazer parte do primeiro argumento (ξ_0).

(1)



Léxis: esquema abstrato e propriedade transitiva

A propriedade transitiva presente no esquema (1) diz o seguinte: a partir de uma relação entre a/r e r/b , devemos estabelecer uma relação entre a/b . Essa propriedade aplicada à léxis contendo noções nos lugares formais oferece um resultado ou projeta um eventual, possível ou provável resultado. Ele ou sua projeção podem ser reversíveis. Isso quer dizer que o resultado pode evidenciar ou um predomínio ou uma projeção de predomínio de $/a/$ sobre r/b , ou um predomínio ou uma projeção de predomínio de $/b/$ sobre r/a .

A propriedade transitiva cria um circuito causal entre os termos da léxis. Chamaremos esse circuito de causalidade ou transitividade (tomando o cuidado para se entender esse segundo conceito de um modo mais abstrato do que ele costuma ser compreendido). Esse conceito mais abstrato de transitividade enquanto sinônimo de causalidade vai nos permitir ter um posicionamento diferente das abordagens que classificam os verbos ou os processos em transitivos, intransitivos, bitransitivos (presentes na tradição gramatical) ou, mesmo, das propostas mais atuais em linguística que oferecem escalas ou gradações³ refinadas da variação do fenômeno da transitividade.

³ Hopper e Thompson (1980) falam em maior ou menor grau de transitividade dependendo de alguns fatores, tais como: um ou mais participantes, perfectividade do verbo, intencionalidade, modalidade, individuação e afetamento do objeto, etc. Lazard (1995) propõe uma concepção de transitividade *escalar* e fala também em um conjunto de fatores, cujo maior ou menor grau de presença afeta a transitividade: definitude, intenção, tema, etc. Ele propõe um conceito de distância actancial, que seria a distância entre o verbo e seus complementos e chama a atenção para a proximidade do objeto e dos advérbios, dizendo que, em árabe clássico, eles são marcados pelo mesmo caso. Em nossa perspectiva, o *objeto* e o *advérbio*

A reversibilidade é o corolário da causalidade, pois toda a força desencadeada por uma origem deve caminhar para uma finalização e apresentar, portanto, um resultado que poderá ser avaliado como bom ou como ruim. O resultado pode não acontecer: ou por que o impulso na origem não tem força suficiente, ou o objetivo é suficientemente forte para reagir, colocar resistência ao processo desencadeado. A reversibilidade apenas é uma transitividade derivada e não original.

A reversibilidade não pode ser confundida com a construção e o valor da passiva.

Tomando o enunciado:

- (2) O menino comeu a maçã.
A forma reversível seria:
- (3) A maçã comeu o menino.
A forma passiva seria:
- (4) A maçã foi comida pelo menino

ou

- (4 a) A maçã comida pelo menino ... tal e tal.

Precisamos para o nosso trabalho sobre nominalização em particular e sobre a construção dos nomes em geral, distinguir cuidadosamente (3) e (4).

Reversibilidade e Passiva

Cognitivamente, quer dizer, do ponto de vista da linguagem, não podemos chegar a (4) sem ter passado por (3) e por sua negação. É exatamente porque a maçã não comeu o menino, ou não lhe fez resistência, inclusive e sobretudo o atraiu, deixando, facilitando ... que o menino comeu a maçã, e temos, então, a maçã comida pelo menino.

Reversibilidade

Fazemos sempre análises adultocêntricas e etnocêntricas. Somos incapazes de ter a visão ingênua de mundo que a criança que está aprendendo uma língua (quer dizer, inserindo-se em uma cultura) tem. Para a dimensão da linguagem, essa visão ingênua na qual os objetos não estão categorizados ou tipificados é muito importante.

Tomemos o enunciado:

- (2) O menino comeu a maçã.

Podemos dizer que nesse enunciado há uma identificação entre “menino” de um lado e “maçã” de outro. De um certo modo “menino” define “maçã”, sendo maçã um termo que remete a uma noção que é possível de “ser comida por menino”. De modo simétrico, enquanto operação, mas podendo oferecer como resultado dissimetrias, “menino” é um termo que remete a uma noção possível de “() comer maçã”.

Como não é só “menino” que come “maçã” e como “maçã” é comida por outros indivíduos que não sejam “menino”, não temos uma identificação estrita e total entre esses dois termos, mas uma identificação parcial (dissimetria), que supõe também uma diferença. Essa diferença entre os termos possibilita a existência da própria predicação. Uma

quantificam, em ocorrências singulares (quantitativo preponderante), ocorrências genéricas (qualitativo preponderante) ou ocorrências mistas (instabilidade entre quantitativo e qualitativo), a noção verbal.

identificação estrita e total levaria ao remontamento dos dois termos e não haveria necessidade da predicação. A predicação sempre exige que uma diferença mínima entre os termos relacionados seja colocada. Os termos, mesmo quando identificados por meio da predicação, possuem propriedades e, portanto, combinatórias diferentes em outros contextos. Temos como resultado o valor de “pertencer a”.

Se no caso do enunciado positivo (2) “o menino comeu a maçã” podemos dizer que a predicação acaba por oferecer uma definição possível, embora não exclusiva de “menino, como aquele que comeu maçã e de maçã, como a entidade que tem a propriedade de ter sido comida pelo menino”, no enunciado negativo temos uma situação diferente. Por exemplo:

(5) O menino não comeu a maçã.

(5) possui vários caminhos a partir dos quais podemos lhe atribuir um valor. Desse modo:

a) podemos definir também os termos “menino” e “maçã” pela negativa. Assim teríamos uma asserção negativa:

(6) Há o menino que não comeu a maçã.

(7) Há a maçã não comida pelo menino.

b) podemos ter uma negação de existência:

Podemos, nesse caso, dizer que se trata de uma negação de ausência de existência e, desse modo, eu posso dizer:

(8) O menino não comeu a maçã, porque não havia maçã para ser comida.

ou

(9) ? O menino não comeu a maçã porque não havia menino para comer a maçã.

A negação de ausência de existência (o vazio) fica difícil para esse último enunciado em razão da presença do artigo definido, que pressupõe uma predicação de existência para menino e para maçã, embora possamos com o auxílio de uma nova predicação, forçar a desmontagem dessa predicação de existência como fizemos em (8) e (9).

c) podemos ter uma negação aspecto-modal:

• do lado de menino, podemos ter:

(10a) O menino não comeu a maçã porque ele não quis / porque ele não pôde / porque ele não conseguiu / porque ele não deve / porque ele está com a boca machucada / porque a sua mãe a escondeu / porque o seu irmão a comeu / etc. /.

• do lado de maçã, podemos ter:

(10b) O menino não comeu a maçã porque ela está verde / porque ela está dura / porque ela está azeda / etc. /.

Poderíamos pensar, em um primeiro momento, que o enunciado negativo (5) e sobretudo a explicitação da causa (no caso, uma subordinada causal), que exhibe o modo pelo qual a predicação em questão não alcançou estados resultantes, não nos ajudaria a construir a representação “menino” e “maçã”. No entanto, essas subordinadas causais presentes em 10(a) e (b) (mas poderiam ser outras subordinadas, coordenadas, advérbios ou

processos de tematização ou topicalização) permitem-nos remontar às origens – causas que sustentam a construção de uma representação; e por meio de uma propriedade diferencial, característica da noção-tipo, mas ausente na predicação primeira, e presente na explicação causal, melhor caracterizar a noção ou representação em questão.

Temos, então, em 10(a) e 10(b) um distanciamento entre a ocorrência específica (em foco) de uma noção-tipo para a qual a ocorrência em questão remete. Assim em 10 (a) a noção-tipo-menino corresponde a uma entidade que, para atingir o objetivo “comer maçã”, precisa ter a propriedade “animado”, que significa, por sua vez, ter vontade, força, movimento, unicidade, direção, que geram, por exemplo, velocidade e determinação para alcançar o objetivo. Desse modo, se “menino” tivesse essas propriedades em alto grau, não haveria outro animado “a mãe” ou “o irmão” que paralelamente poderiam chegar antes ao objetivo “maçã”, que originariamente pertencia a “menino” comendo-a ou escondendo-a. Em 10(b), a noção-tipo-maçã remete a uma entidade que, para ser comida pelo menino, precisa ter as propriedades: não-verde (madura); não-dura (macia); não-azedada (doce), etc.

De modo diferente, podemos notar que um enunciado positivo e sem explicação causal como (2) “o menino comeu a maçã” supõe uma conformidade entre a ocorrência específica de “menino” e de “maçã” e as noções-tipos correspondentes para as quais as ocorrências específicas remetem. Em outras palavras, há para esse enunciado um remontamento ou uma conformidade (no lugar da distância dos exemplos com negação dos casos anteriores) entre uma das possibilidades formais de leitura desse enunciado e uma adequação empírica específica. Essa experiência permanece implícita na atribuição de valor. O valor do metaoperador, que relaciona os termos primeiramente, localizando-os, quer dizer, que estabelece uma diferença entre “menino comer ()” e “() comer maçã” e que, secundariamente, identifica parcialmente essas duas relações; é o valor de “x pertencer a y” ou “y conter x”, responsável, por sua vez, pela construção de “classe”. Esse valor polarizado, assim como a sua negação, são apenas dois possíveis valores dos enunciados. A polarização entre o positivo e o negativo, a análise estática de língua e a noção de classe (pertencer a ou não pertencer a) não permitem que visualizemos o contínuo das operações e dos valores. Não conseguimos perceber o encadeamento das operações e os pontos em paralelo de um contínuo de valores que enunciados em transformações oferecem. Em outras palavras, não conseguimos apreender os enunciados em famílias parafrásticas. O enunciado negativo (5) e, sobretudo, a explicitação das causas que exibem como a predicação em questão não conseguiu chegar a estados resultantes, por meio de uma subordinada causal (10a e 10b), permitem-nos remontar às origens-causas que sustentam a construção de uma representação, tais como a representação do que vem a ser “menino” ou do que vem a ser “maçã”. Essas origens-causas sustentam o enunciado afirmativo também, embora não sejam tão visíveis como no enunciado negativo.

Assim podemos ter: (11) O menino comeu a maçã / porque quis / porque a mãe permitiu / porque não estava com a boca machucada / obrigado pelo pai / contra a sua vontade / forçadamente / espontaneamente / ou / porque a maçã estava apetitosa / etc /.

Em um enunciado positivo como (2) “o menino comeu a maçã”, a alteridade é levada em consideração e depois suprimida ou mascarada. “Tautologia” que significa alteridade considerada e, em seguida, suprimida ou anulada, e “alteridade considerada” são os pólos de um jogo de centralização (eu) e descentralização (outro) na construção da representação.

A subordinada causal ou o advérbio presentes em (11) se constituem em um terceiro argumento, que, por sua vez, deve se constituir em uma relação enunciativa (porque tematizada) efetuada sobre a relação predicativa (O menino comeu a maçã). Esse terceiro

argumento, que se constitui no resultado de uma relação operada sobre uma relação, recobre uma alteridade ou agentividade dotada de uma força maior do que a alteridade ou agentividade da relação primitiva e predicativa. Em outras palavras, é porque nem (2) “o menino comeu a maçã” e nem (3) “a maçã comeu o menino” que um terceiro argumento (causal *-por*) se sobrepõe facilitando, dificultando, em benefício de, em detrimento de, ou ainda, enquanto instrumento, meio, para que a relação predicativa inicial se estabilize ou não e ofereça, então, valores referenciais.

Os termos em “detrimento de”, “em benefício de” ou “dificultando”, “facilitando” são termos marcados de positividade ou negatividade. Dependendo do domínio qualificado, eu posso ter dificuldades que facilitam e facilidades que dificultam. O que se passa com esse terceiro argumento é mais complexo e ele precisa ser analisado mais formalmente, enquanto força maior, enquanto origem mais origem, mais causa, e isso tanto para o bem “em benefício de” quanto para o mal “em prejuízo de”.

Quando temos um terceiro argumento, é porque nem a voz ativa, nem a voz passiva e nem mesmo a reversibilidade funcionaram. Uma nova origem, mais origem e mais causal, entra, então, em cena como o elemento que vai desencadear o circuito⁴ causal anterior (relação predicativa). Esse novo elemento causal pode ser uma força que facilita ou dificulta. Mas ela pode também criar bloqueio ou ineficácia por meio de facilidades e liberar por meio de dificuldades.

O termo “terceiro argumento” não é bom. Só temos a constituição de argumentos ou de designações quando temos a função proposicional (asserção) que, então, orienta (semanticamente) ordena (sintaticamente) e hierarquiza (sintático-semanticamente) as unidades do enunciado. A reflexão na qual estamos inseridos tenta exatamente organizar a relação enunciativa ou esse terceiro plano de organização dos enunciados. O nosso interesse é pelo diálogo que existe entre cada situação discursiva específica (instável) e a relação predicativa ou lógica (estável).

Vejamos, a seguir, alguns exemplos.

Explicações causais:

Sintagmas nominalizados, tematizados como explicação causal

- (12) A fome do menino fez que ele comesse a maçã.
- (13) A permissão da mãe fez que ele comesse a maçã.
- (14) A força do pai fez que ele comesse a maçã.
- (15) O azedume da maçã impediu que o menino a comesse.

Temos para 12, 13, 14, 15 um estado inicial dado por uma relação primitiva (menino, comer, maçã). A relação entre os termos, no entanto, não se efetua para esses enunciados em uma hipotética relação predicativa $\langle * \lambda \rangle$, levando em consideração apenas as propriedades adequadas e esperadas das noções presentes na relação. Não há transformação, não há estados resultantes. Para que o processo de transformação, então, se inicie (mesmo que não se finalize), é necessário que alguma propriedade dos termos em relação se destaque, por exemplo, a presença de uma intensificação (gradação) de algumas das propriedades dos termos (um excesso, uma ausência, etc). Desse modo, a força causal, que vai permitir que o processo deslanche, está em uma relação complexa de interioridade e de exterioridade com os termos da relação primitiva e tal força, integrando ou

⁴ Usamos a palavra *circuito* para *transitividade* traduzindo Bernard (1995), que usa os termos *câble*, *cablage*, *cablée*.

desintegrando propriedades, vai sempre permitir defini-los, enquanto noção que são. Vemos que a sobreposição das duas relações (predicativa e enunciativa) permite organizar domínios nocionais. Ou em outras palavras: permite ver como as representações estão organizadas e como se movimentam em uma cultura dada. Esses problemas estão relacionados aos problemas mais conhecidos tais como: propriedades primeiras e secundárias, essenciais e acidentais, sintéticas e analíticas, necessárias e contingentes, etc. Como não estamos trabalhando com a língua na sua dimensão estática, não podemos trabalhar com essas polarizações ou classificações. Na perspectiva dinâmica, que é a nossa, precisamos mostrar a trajetória desses valores polares, as suas oscilações e as suas neutralizações, ou os seus recomeços.

Temos, pois, para esses quatro enunciados uma distância entre as propriedades das noções contidas na relação primitiva e as propriedades que essas mesmas noções apresentam em uma ocorrência específica. Quer dizer, existe nesses enunciados uma inadequação de propriedades e os enunciados são construídos em razão disso. As propriedades, que estão em falta, em excesso, inadequadas, anormais são as que vão impedir ou facilitar o desencadeamento do processo e a transformação e o estado resultante, se for o caso.

Esses quatro enunciados estão em relação parafrástica com vários enunciados possíveis de serem derivados da léxis < menino, comer, maçã>. No enunciado positivo (2) “o menino comeu a maçã” todos os obstáculos, enquanto alteridade, presentes nos enunciados de 12 a 15 foram levados em consideração e desconsiderados.

Processos de adequação cultural e organização de domínios nocionais

A predicação é o múltiplo, que ao mesmo tempo é uno, e ela é também o uno, que ao mesmo tempo é múltiplo. Culioli, tentando mostrar a história do conceito de noção, cita Hegel, que teria definido a noção como sendo “a multiplicidade desenvolvida e ao mesmo tempo a unidade reencontrada” (CULIOLI, 1997, p.12).

Predicação é sinônimo de fala. Desse modo, toda a predicação é uma fragmentação que caminha para a dispersão da representação ou para a sua agregação (o exemplar, o tipo). O máximo de agregação que podemos imaginar para a predicação “o menino comeu a maçã” seria “o menino-maçã” ou “a maçã-menino”, mas o hífen é uma predicação ainda, muito frágil, mas ainda predicação. Desse modo, os predicados-origens, primeiros e causais, se constituem em designação por meio de um jogo de espelho de identidade e alteridade. A alteridade pode facilitar ou dificultar a agregação (uno) ou a dispersão (múltiplo) da representação, pois ora pode ser a agregação que esteja estabilizando a representação, ora pode ser a dispersão, que desestabilizando pode estar agregando ou estabilizando. Mesmo na dispersão temos sempre construção, jamais desconstrução.

O enunciado (3) “a maçã comeu o menino” pode parecer uma brincadeira (e esse significado metafórico, que resulta de uma dissimetria ou instabilidade totais (dadas cognitivamente) e de uma simetria ou estabilidade nascentes ou crescentes (dadas culturalmente)) mas é um enunciado importante para as nossas análises. Isso porque: para que o menino tenha comido a maçã, ela se apresentou com propriedades atraentes para ser comida. Por exemplo, se eu tenho a expressão “frutas comestíveis”, “comestíveis” é propriedade apenas de frutas ou também do sujeito que as come? É no espaço aberto que foi deixado pela não-ocorrência do enunciado (2) “o menino comeu a maçã”, quer dizer, pela ocorrência do enunciado negativo (5) “o menino não comeu a maçã” que podemos

reconstruir os pontos em paralelo de um processo de construção de valores, um verdadeiro leque de família parafrásticas.

É, portanto, no espaço formal não preenchido pelo empírico (2) e a sua negação (5), que se obtêm enunciados completamente ou parcialmente reversíveis. Em outras palavras: é no espaço da reversibilidade que se obtém toda a possibilidade de construção da alteridade [o outro-outro (sujeito ou objeto), o outro-o mesmo], facilitando... dificultando. Quando se força a operação de reversibilidade para os fenômenos e, neste caso, para os enunciados, obtém-se a percepção dos fenômenos, dos significados, dos valores, por todos os ângulos, inclusive os mais inusitados possíveis. É desse conjunto de valores percorridos (todo) que a relação de causa e de efeito, ou a inserção do sujeito (parte) no mundo serão mais apuradas.

Tomando-se o enunciado negativo (5) “o menino não comeu a maçã” deriva-se o enunciado metafórico, porque não usual (3) “a maçã comeu o menino” cuja negação, por sua vez gera:

(16) “a maçã não comeu o menino” subjaz à construção de toda alteridade possível.

O enunciado (3) “a maçã comeu o menino” e o enunciado (2) “o menino comeu a maçã”, (que fornece uma definição de “menino” e de “maçã”), mostram-nos que a linguagem, enquanto forma, plasticidade, criatividade, fornece muito mais pontos do que uma língua-cultura acaba cristalizando; mostram-nos, ainda, que mesmo os pontos já cristalizados e as possibilidades ainda de cristalização precisam passar, para extrair os seus significados e valores, pelo avesso daquilo que está culturalmente construído: do impossível geramos o possível.

Os enunciados negativos (5) a negação do possível culturalmente e (16) (a negação do impossível culturalmente) abrem um leque de possibilidades: o mundo da imaginação, da fantasia, do sonho, dos desejos, da proibição. Em síntese: os enunciados negativos (5) e (16) abrem-se para o mundo daquilo que não está ainda adequado, para o mundo das coisas possíveis de serem construídas.

Negação e reversibilidade

Pode-se dizer que toda combinação de léxis, ou a existência de dois planos nos enunciados criando um terceiro plano, seja por processos de coordenação, subordinação, seja por processos de tematização ou topicalização, ocupa:

1º o lugar do enunciado negativo;

2º o lugar da reversibilidade.

Tentaremos exemplificar, na sequência, os pontos contínuos (em família) de construção de alguns enunciados importantes para o nosso estudo.

Nominalização e tematização do terceiro argumento ou a (anti)causa: o valor de concessão

(17) O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde.

O valor de concessão é construído tendo por base uma negação de possibilidade de existência que não foi respeitada (proibição).

Antes da construção do valor de concessão, temos justapostos dois preconstructos:

(17a) O menino | não deve comer a maçã verde
 | não pode

(17b) A maçã verde | não deve comer o menino
 | não pode

Queremos mostrar com a nossa argumentação como o enunciado com valor de concessão é derivado de uma reversibilidade possível cognitivamente, mas impossível muitas vezes culturalmente ou, então, com um valor não usual ou metafórico. Desse modo, o enunciado “O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde” significa:

(17c) O estado-de-ser verde- da maçã impedia que o menino [] comesse [a maçã]

ou

(17d) A “verdura” da maçã impedia ...

Vemos que nessas construções metalinguísticas, quer dizer explicativas, é a “maçã” com a propriedade de “estar verde” que tem a força causal. O valor da concessiva é construído não respeitando essa força causal, quer dizer, ele se constitui como uma anticausa.

A oração subordinada concessiva explicita um jogo de força ou de causas e de orientação e ordenação dessas forças não respeitadas. O “objetivo” da relação primitiva <menino, comer, maçã < maçã estar verde>> se apresentava como um obstáculo “o verde da maçã” para que a força da “origem, menino” fosse desencadeada, mas mesmo assim a ação é desencadeada.

Ainda podemos dizer que “menino” define “maçã” como um termo que remete a uma noção possível de ser comida pelo menino; e “maçã” define “menino” como um termo que remete a uma noção possível de comer “maçã”. Já a propriedade diferencial de “maçã”, que é “estar verde”, desequilibra a organização nocional que esses dois termos em relação delimitam. A propriedade “estar verde”, que foi destacada na subordinada concessiva, gera inadequação nocional (cultural) ou inicia uma instabilidade tentando reorganizar o domínio nocional dos termos envolvidos.

Em síntese: o enunciado (17) “o menino comeu a maçã embora ela estivesse verde” passa ou deriva de (16) “a maçã não comeu o menino” ou melhor deriva de (17e) “o verde-da-maçã não teve força suficiente para impedir que o menino comesse a maçã com o verde-dela”.

Os enunciados 2, 5, 3, 16, 17, a, b, c, d, estão em relação parafrástica e oferecem pontos contínuos ou um todo de construção de valores.

Nominalização e tematização do terceiro argumento ou causa: construções adverbiais e advérbios

A discussão feita no item anterior continua sustentando os exemplos deste item. Queremos mostrar aqui o parentesco também entre outras construções gramaticais e a nominalização enquanto um processo de tematização do terceiro argumento ou de um termo mais causal, mais origem do que os termos presentes na relação primitiva (semântica) e na predicativa (sintática) dos enunciados. Queremos mostrar, sobretudo,

como é este terceiro argumento que abre espaço para uma alteridade cuja força vem exatamente ocupar o espaço de uma força original que não pôde ser desencadeada.

Essa força segunda, sobreposta, mais causal que a primeira, é sempre representada por uma propriedade diferencial. Isso quer dizer que as noções em ocorrência (origem e objetivo) que representam as forças primeiras não puderam desencadear o processo porque não correspondem às noções-tipo. A propriedade diferencial representando inadequação das noções em ocorrência às noções-tipo correspondentes pode estar criando vários níveis de instabilidade.

Construiremos, a seguir, cinco blocos de exemplos. No primeiro, colocaremos as construções gramaticais das quais estamos partindo; os outros quatro blocos são metalinguísticos, quer dizer, se constituem em manipulações explicativas. Desse modo, no segundo bloco, apresentaremos processos de tematização da causa; no terceiro, traçaremos parentescos entre a nominalização e valores adverbiais. No quarto, mostraremos o parentesco entre valores adverbiais e complemento agentivo. No quinto, tentaremos explicitar o que são para essas construções a alteridade primeira e a mais primeira ainda.

1º bloco: adverbiais e advérbio (ponto de partida):

- 18- O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde.
- 19- O menino vai comer a maçã se ela estiver madura
- 20- O menino vai comer a maçã quando ela estiver madura.
- 21- O menino comeu a maçã porque ela estava madura
- 22- A maçã precisa estar madura para que o menino possa comê-la.
- 23- O menino comeu a maçã vorazmente
- 24- O menino comeu a maçã lentamente.
- 25- O menino comeu a maçã sem culpa.
- 26- O menino comeu a maçã tranquilamente.
- 27- O menino comeu a maçã agradecidamente.
- 28- O menino comeu a maçã obrigado.
- 29- O menino comeu a maçã espontaneamente.

2º bloco: tematização da causa e a nominalização

- 18a- O estar-verde da maçã não impediu que o menino comesse a maçã.
O menino comeu a maçã apesar do estar-verde da maçã
* a verdura da maçã.
- 19a- O estar-maduro da maçã será uma “condição” necessária para poder comê-la.
- 20a- O estar-maduro da maçã será um “momento” que deverá ser esperado para poder comê-la.
- 21a- O estar-maduro da maçã fez que o menino comesse a maçã
* a madureza
* a maturidade

* a maturação

- 22a- O estar-maduro da maçã será necessário para que o menino possa comê-la.
- 23a- A voracidade com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 24a- A lentidão com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 25a- A não-culpabilidade do menino ao comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 26a- A tranquilidade com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 27a- A gratidão com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 28a- A obrigação do menino em comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.
- 29a- A espontaneidade do menino ao comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez, etc.

3º bloco - Causa tematizada, nominalização e valores adverbiais (o modo de ser da representação)

- 18b- O modo de ser /inadequado⁵/ da maçã não impediu que o menino a comesse.
- 19b- O modo de ser /adequado⁶/ da maçã será uma “condição” necessária para que ela possa ser comida.
- 20b- O modo de ser /adequado/ da maçã será obtido em um “momento” que deverá ser esperado para que ela possa ser comida.
- 21b- O modo de ser /adequado/ da maçã fez que o menino a comesse.
- 22b- O modo de ser /adequado/ da maçã será necessário para que o menino possa comê-la.
- 23b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em excesso, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /vorazmente/
- 24b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em falta, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /lentamente/
- 25b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /sem culpa/
- 26b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /tranquilamente/
- 27b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ / não em falta, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /agradecidamente/.
- 28b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em excesso, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /obrigado/.

⁵ inadequado - estar verde.

⁶ adequado - estar madura.

29b- O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em falta, não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez ... /espontaneamente/.

4º bloco - Valores adverbiais e complemento agentivo.

18c- O menino não deixou de comer a maçã “pelo modo de ser dela” / estar verde/.

19c- O menino poderá comer a maçã desde que o modo de ser dela / estar madura/ permita isso. Se essa condição não for preenchida, o menino está impedido de comer a maçã “pelo modo de ser dela”.

20c- O menino poderá comer a maçã em um momento em que o modo de ser dela permita isso. Antes desse momento, o menino está impedido de comer a maçã “pelo modo de ser dela”.

21c- O menino comeu a maçã “pelo modo de ser dela”.

22c- O menino poderá comer a maçã “pelo modo de ser dela”.

23c- Tal fato aconteceu ...

Ficou evidente tal coisa “pelo modo” (em excesso) como o menino comeu a maçã.

24c- Tal fato aconteceu ...

Ficou evidente tal coisa “pelo modo” (em falta) como o menino comeu a maçã.

25c- Tal fato aconteceu ...

Ficou evidente tal coisa “pelo modo” (não em excesso) como o menino comeu a maçã.

26c- Tal fato aconteceu ...

Ficou evidente tal fato “pelo modo” (não em excesso) como o menino comeu a maçã.

27c- Tal fato aconteceu...

Ficou evidente tal fato “pelo modo” (não em falta) como o menino comeu a maçã.

28c- Tal fato aconteceu...

Ficou evidente tal fato “pelo modo” (em excesso) como o menino comeu a maçã.

29 c- Tal fato aconteceu...

Ficou evidente tal fato “pelo modo” (adequado) como o menino comeu a maçã.

5º bloco: Força ou causa sobreposta (e portanto mais forte) à força ou causa original. Processo de adequação nocional (cultural?)

✓ força ou causa original /menino - comer / maçã /

- força ou causa sobreposta, mais causal e mais origem do que a força original que ficou enfraquecida
- O modo de ser inadequado da maçã que está verde ou “não está ainda madura” para os enunciados 18d, 19d, 20d, 21d.
- O modo de ser adequado da maçã “que está madura” para o enunciado 22d.

✓ força ou causa original / menino - comer - maçã/

- força ou causa sobreposta
- em excesso (voracidade) - 23d

- em falta (lentamente) - 24d
- não em excesso, nem em falta, portanto, adequada (sem culpa) - 25d
- não em excesso, nem em falta, portanto, adequada (tranquilamente) - 26d
- não em excesso, nem em falta, portanto adequada (agradecidamente) - 27d
- em excesso (obrigado) - 28d
- nem em excesso, nem em falta, portanto, adequada (espontaneamente) - 29d

De que modo tais advérbios, além, aquém e dentro da expectativa (adequado) remetem à alteridade?

“Menino” é um termo da língua que remete a uma noção que possui a propriedade de ser animado. Os advérbios presentes marcam o jogo de força ou pressão exercido sobre a entidade animada “menino”. Essa pressão pode ser feita pelo menino mesmo, enquanto outro, ou, por uma outra força diferente dele, um outro agente, se for animado, ou uma causa se for inanimado.

Qual é a outra força diferente dele? Ou de que modo os advérbios remetem à alteridade?

O advérbio “vorazmente” pode ser resultado de uma falta de controle do agente “menino” sobre si próprio, por exemplo, ele não controla a sua fome; “lentamente”, ao contrário, pode revelar, no caso de comer, controle do sujeito sobre si próprio, por exemplo, para poder saborear o alimento, ou, então, come-se “lentamente” porque a boca está machucada; “sem culpa” pode ser resultado da superação de um obstáculo criado pelo próprio agente e por um outro; “agradecidamente” e “obrigado”, com certeza, remetem a um outro que lhe deu a maçã ou que o obrigou a comê-la, respectivamente; “tranquilamente” e “espontaneamente” pressupõem, sem dúvida, um diálogo, um conflito, uma espessura dialógica, nos quais outros ritmos de comer são comparados e levados em consideração⁷. Por exemplo, se temos uma criança comendo espontaneamente, pode ser que ela coma desse modo não por superação dos outros ritmos, mas por naturalidade. No entanto, a palavra “espontaneamente” presente em um enunciado resulta, sem dúvida, de procedimentos avaliativos, apreciativos feitos por quem enuncia, mesmo quando se diz: “a criança come espontaneamente”.

A propriedade diferencial (a alteridade) facilita e permite a finalização do processo desencadeado e a obtenção de estados resultantes. Essa mesma propriedade pode dificultar e impedir a finalização do processo desencadeado e a obtenção de resultado.

Conclusão

O estudo que desenvolvemos defende que o estado resultante ou finalização oferecem valores polares (a asserção positiva e a negativa) e que esses valores são apenas

⁷ Se eu tenho apenas *Ele comeu a maçã* precisamos supor que os ritmos de comer foram levados em consideração e desconsiderados. Poder medir a velocidade do ato de comer é uma propriedade semântica presente em potencial na relação primitiva das noções e projetada para outros níveis de construção.

dois entre os inúmeros valores que enunciados em transformação oferecem. Ou ainda: são apenas dois valores de um contínuo de construção de representação (as modalidades assertivas). Podemos dizer que, nos valores polares, chega-se a uma finalização ou porque a alteridade, enquanto obstáculo, foi levada em consideração, superada, e desconsiderada ou desconsiderada não por superação, mas simplesmente suprimida ou anulada. Os valores polares representam a contração em um ponto, ou em um único valor (é ou não é) da espessura dialógica, ou valores em conflito ou em contradição (é e não é, ao mesmo tempo), criada pelas marcas aspecto-modais que dilatam o predicado e que são exatamente as propriedades diferenciais das quais estamos falando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARD, G. Modéliser la transitivité verbale. In: BOUSCAREN, J. ; FRANCKEL, J.J. ; ROBERT, S. (Orgs). *Langues et langage*. Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995. p. 5-16.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.
- _____. A propos de la notion. In: RIVIERE, C. ; GROUSSIER, M.L. (Orgs.) *La Notion*. Paris: Ophrys, 1997. p. 9-24.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, v.2, 1999a.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine notionnel. Paris: Ophrys, v. 3, 1999b.
- DESCLÉS, J.P. Schéma de Lexis. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. (Orgs.). *Langues et langage*. Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995. p. 57-71.
- HOPPER, P.J.; THOMPSON, S.A. Transitivity in grammar and discourse. *Languages*, n. 56, p. 251-299, 1980.
- LAZARD, G. La notion actancielle. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. (Orgs). *Langues et langage*. Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995. p. 135-146.